



UM DIÁLOGO SOBRE HISTÓRIA ORAL: CONTRIBUTOS PARA NOVOS PESQUISADORES

A dialogue on oral history: contributions for new researchers

Un diálogo sobre historia oral: aportes para nuevos investigadores

Fabício dos Santos Leite¹
Simário Dantas Ferreira²

Resumo: O trabalho com História Oral e memória possibilita que abordemos principalmente a questão da oralidade, chamando a atenção dos pesquisadores para esse aspecto. Dito isso, a História Oral possibilita a observação das mudanças comportamentais da sociedade, analisando o impacto dessas transformações na constituição de novos hábitos e costumes. Este artigo é fruto das nossas andanças por comunidades quilombolas, e, aqui, compartilhamos a metodologia da história oral como uma prática histórico-metodológica exitosa. Sendo assim, o objetivo da pesquisa é de caráter explicativo, de abordagem qualitativa e de método bibliográfico e documental. Logo, partilhamos estes contributos e aportes teóricos que nos ajudaram a entender, respeitar e escrever sobre tais comunidades.

Palavras-chave: História Oral. Memória. Metodologia.

Abstract: The work with Oral History and memory allows us to address mainly the issue of orality, drawing the attention of researchers to this aspect. That said, Oral History makes it possible to observe behavioral changes in society, analyzing the impact of these transformations on the formation of new habits and customs. This article is the result of our wanderings through quilombola communities, and, here, we share the methodology of oral history as a successful historical-methodological practice. Therefore, the objective of the research is of an explanatory nature, with a qualitative approach and a bibliographic and documental method. Therefore, we share these contributions and theoretical contributions that helped us to understand, respect and write about such communities.

Keywords: Oral History. Memory. Methodology.

Resumen: El trabajo con Historia oral y memoria permite abordar principalmente el tema de la oralidad, llamando la atención de los investigadores sobre este aspecto. Dicho esto, la Historia Oral permite observar cambios de comportamiento en la sociedad, analizando el

¹ Especialista Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Educação Especial e Inclusiva, Faculdade Anísio Teixeira. Bom Conselho, Pernambuco, Brasil. E-mail: fabriciodoangico@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2861964219807706>. Orcid; <https://orcid.org/0000-0001-8146-9318>.

² Mestrando em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas. Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil. E-mail: simario.ferreira@upe.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1810653195895300>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-8326-3014>.

impacto de estas transformaciones en la formación de nuevos hábitos y costumbres. Este artículo es el resultado de nuestro andar por las comunidades quilombolas y, aquí, compartimos la metodología de la historia oral como práctica histórico-metodológica exitosa. Por tanto, el objetivo de la investigación es de carácter explicativo, con un enfoque cualitativo y un método bibliográfico y documental. Por ello, compartimos estos aportes y aportes teóricos que nos ayudaron a comprender, respetar y escribir sobre dichas comunidades.

Palabras clave: Historia Oral. Memoria. Metodología.

Introdução

Para os historiadores do século XIX e início do XX, de acordo com a obra *O que é história cultural?* de autoria de Peter Burke (2008), o conhecimento histórico era possível a partir da análise das fontes históricas preservadas, que, para eles, restringiam-se quase exclusivamente aos documentos escritos.

Assim, para essa historiografia tradicional, a história era vista como algo do passado e uma das preocupações maiores do historiador era a de verificar a autenticidade do documento, como se o documento, sendo autêntico, pudesse guiar o historiador na busca da verdade histórica (OLIVEIRA; ALMEIDA; FONSECA, 2012).

Para além dessa visão da historiografia tradicional de que o conhecimento histórico é dado a partir da análise de fontes escritas autênticas, do passado, e que o papel do historiador é o de selecionador de documentos de forma objetiva e isenta, surge na primeira metade do século XX, na França, uma nova concepção sobre a História. Essa nova concepção foi difundida pelas pesquisas, pelos estudos e debates da Escola dos Annales (BURKE, 2008).

Sendo assim, foi durante o século XX que os historiadores da Escola dos Annales, ou Nova História, renovaram os temas, os objetos, as abordagens, a metodologia do fazer do historiador e, principalmente, a visão do que seria um documento ou fonte histórica. Dito isso, seguindo os anseios e objetivos de Marc Bloch, os historiadores da Nova História rejeitam o estudo da história presa ao passado; em outras palavras, para eles, a história necessária é aquela resgatada a partir de problemas e demandas do presente (OLIVEIRA; ALMEIDA; FONSECA, 2012).

Portanto, não se trata de pensarmos o documento histórico somente como fonte escrita, mas de considerar que ele pode se apresentar de várias outras formas além do texto escrito. Logo, como objeto de interesse interdisciplinar, a memória e a oralidade passaram a ser estudadas e incluídas nessa nova perspectiva dos estudos históricos.

É necessário destacar que o registro da experiência histórica de um indivíduo ganha significado se for articulado com o registro da história ou da experiência coletiva, de outros grupos, outros segmentos, outras sociedades e civilizações, nelas inserido. Nesse sentido, o registro da pluralidade de memórias sociais, culturais e populares, como afirma Maurice Halbwachs (2004) possibilita a rejeição da chancela da memória nacional como memória coletiva única.

Esse princípio coloca uma questão que poderá ser mais bem respondida ao se propor um trabalho com a oralidade. O trabalho com a história oral diz respeito, sobretudo, a uma metodologia de pesquisa que se baseia em fontes orais. Essas fontes registram a experiência vivida, o depoimento de um indivíduo ou de vários de uma mesma coletividade. De modo geral, as fontes orais dividem-se em histórias orais de vida ou relatos orais de vida e depoimentos orais.

Sendo assim, a história oral de vida constitui-se de vários tipos de relatos dos sujeitos históricos acerca da própria existência, pelos quais se podem conhecer suas relações com seu grupo de pertencimento, de profissão, de classe e da sociedade em que vivem, instituindo-se como importantes memórias sobre o passado.

Por outro lado, outra modalidade são os depoimentos orais, próprios para a obtenção de dados informais e factuais, bem como testemunhos de entrevistados sobre determinadas situações por eles vivenciadas. O pesquisador orienta a entrevista para buscar referências objetivas sobre os acontecimentos pesquisados.

Em ambos os casos, as entrevistas são a estratégia mais comum na coleta de dados. Podem ser captadas com gravações ou transcrições escritas. Logo, a opção pelo trabalho com a oralidade precisa considerar que a reflexão acompanha todo o processo e não ocorre somente a posteriori. Ademais, é necessário entender que o trabalho com a oralidade, de acordo com nossas andanças e vivências, consiste em uma fonte diferenciada para captação de informações, a qual está muito relacionada com o estudo da história local.

Por conseguinte, consideradas “arquivos da palavra” (GARRIDO, 1992-1993, p. 34), as fontes orais apresentam limites e possibilidades. Um dos principais cuidados é a necessidade de levar em consideração o fato de que o depoente, ao rememorar suas experiências, ao contá-las e emitir sua opinião, ao conferir sentido ao real, narra histórias de vida que, necessariamente, não esclarecem fatos passados; são, contudo, interpretações atuais dele.

Nesse sentido, pode-se conhecer a maneira como alguém ou algum grupo vivenciou determinados acontecimentos, resgatando sua subjetividade, sem confundi-la com fatos objetivos. O emprego de outras fontes (além das escritas) e a comparação de diferentes fontes orais, adotando a perspectiva da interlocução entre as diversas fontes documentais, são fundamentais no trabalho com a história oral.

Por fim, pretendemos no âmbito deste texto, apresentar brevemente algumas reflexões sobre o papel da memória, a relação entre memória coletiva e memória individual, a metodologia e alguns cuidados a serem adotados quando trabalhamos com a história oral. Essas considerações são frutos de uma experiência e prática exitosa diante das nossas convivências e pesquisas com comunidades quilombolas. Logo, desenvolvemos um texto didático que envolve os conceitos de memória com possibilidade de trabalho para a construção da história de quilombos por meio da metodologia da história oral.

O papel da memória

Iniciamos esta discussão utilizando como aporte a obra “História e Memória” (2003) de Jacques Le Goff, pois o autor preocupou-se em situar as principais transformações sofridas pela memória, a partir do estudo das sociedades essencialmente orais. Para ele, a memória teria um papel crucial nas sociedades, em função de sua propriedade de conservação de informações do passado, possibilitando, assim, abordar os problemas referentes ao tempo e à história.

Ainda, para esse autor, na história da humanidade, a memória teria essencialmente quatro fases: a memória oral utilizada pelos grupos que não dominavam a escrita; o segundo momento teria ocorrido na Idade Média, sendo uma fase intermediária marcada pela convivência entre a memória oral e a memória escrita; a terceira fase ocorreu na Idade Moderna, contemplando processos que consolidaram a memória escrita por meio da imprensa e da alfabetização; e, por fim, tem-se o período chamado de “memória em expansão”, onde diversos mecanismos passaram a ser utilizados para perpetuar a memória, como os monumentos, as comemorações, os arquivos e entre outros (LE GOFF, 2003).

Nas sociedades essencialmente orais existiam “especialistas da memória” ou “homens-memória”, tidos como a “memória” daquela sociedade, pois eram eles que guardavam os códigos reais, as histórias da corte, os mitos etc.

Em outras palavras, segundo Lowenthal (1998, p. 75), “[...] toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado”.

Em conformidade, Pinto (1998, p. 307) afirma que “[...] a memória é esse lugar de refúgio meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada no passado”. Na verdade, imbuída de vastas possibilidades, a memória torna-se infinitamente rica em suas manifestações, que podem ser voluntárias, induzidas ou involuntárias (DELGADO, 2010).

Maurice Halbwachs, em sua obra “A memória coletiva” (2004), analisou o papel da memória coletiva e as vinculações possíveis entre memória e espaço, a constituição das lembranças e a oposição da memória com a história. De acordo com o autor, se, em um primeiro momento, a memória coletiva aparece em oposição à memória individual, podemos perceber que elas irão interagir e se complementar (HALBWACHS, 2004).

Nas palavras de Halbwachs (2004, p. 30), nossas lembranças permanecem coletivas, “e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos que só nós tivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos”. Assim, a memória coletiva se desenvolve a partir de laços inscritos no interior de um grupo e por meio da interação indivíduo-grupo, ela se acresce, unifica, diferencia e corrige (HALBWACHS, 2004).

Compreender o papel da memória dentro das diversas sociedades neste texto especificamente às comunidades quilombolas como exemplo permite indagar sobre o momento em que ela deixou de ser individual para tornar-se coletiva. A memória torna-se coletiva quando os sujeitos, individualmente, passam a compreender determinados fatos e acontecimentos como a única versão possível desses momentos.

Em outras palavras, na medida em que essa versão passa a ser disseminada e se consolida no imaginário social, ela torna-se coletiva. É por meio desse mecanismo de disseminação que ocorre a vinculação entre as memórias individual e coletiva. Assim, a memória é base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas.

Vale ressaltar que também é um elemento constitutivo do autorreconhecimento como pessoa e/ou como membro de uma comunidade. Conforme afirma Delgado (2010, p. 38) “[...] a memória é inseparável da vivência da temporalidade, do fluir do tempo e do entrecruzamento

de tempos múltiplos. A memória atualiza o tempo passado, tornando-o tempo vivo e pleno de significados no presente”.

Nas trilhas da História Oral

As narrativas refletem a memória que temos de espaços e eventos, ainda que estes já não existam mais na forma como o guardamos em nossa memória. Isso é o que explica, por exemplo, o fato de determinados espaços e acontecimentos permanecerem inalterados em lembranças pessoais, ainda que, muitas vezes, já não existam mais na forma como ficaram guardadas na lembrança (MEIHY; HOLANDA, 2014).

Sendo assim, no trabalho com a memória, a fonte oral tem sido primordial pela articulação que possibilita entre a História e o cotidiano. Para Thompson (2003), o sucesso da história oral se justificou por ela ter se apresentado como um instrumento de transformação do conteúdo e da finalidade da História. Ela revelou novos campos de pesquisa que passaram a considerar como matéria-prima de trabalho as experiências de vida de pessoas e grupos.

Compactuamos com Meihy e Holanda (2014) quando os autores afirmam que por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas (mulheres, indígenas, homossexuais, negros, imigrantes, exilados etc.) têm encontrado espaço para validar suas experiências, dando sentido social aos lances vividos sob diferentes circunstâncias.

Dizemos isso pela nossa própria experiência em campo de pesquisa, porque uma questão bastante relevante para quem se propõe a entender o papel da história oral diz respeito ao seu impacto nos narradores e em suas comunidades quilombolas. O que se chama de “grupal”, “cultural”, “social” ou “coletivo” em história oral é o resultado de experiências que vinculam umas pessoas às outras, segundo pressupostos articuladores de construção de identidades decorrentes de suas memórias expressadas em termos comunitários.

Dito isso, o passado espelhado no presente, reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos. A reconstituição dessa dinâmica da vida, como aponta Delgado (2010, p. 16), passa-se “pelo processo de recordação, que inclui ênfases, lapsos, esquecimentos, omissões, contribui para a reconstituição do que passou segundo o olhar de cada depoente”.

O relato oral de grupos pouco estudados, de acordo com nossa percepção, tornou-se relevante por abrir frentes de pesquisa a partir do desenvolvimento de estudos sobre famílias,

movimento operário, movimento sindical e sobre histórias de comunidades quilombolas, que por muito tempo estiveram às margens da sociedade.

Conforme aponta Thompson (2003), a história oral provocou a democratização da História na medida em que alguns grupos conseguiram, a partir de seu uso, apresentar suas versões sobre o processo histórico e seus embates. Também não devemos esquecer o fato de que em nossa sociedade houve um afastamento da tradição oral, trazendo como consequência a descrença na oralidade. Mesmo entre professores de História, tornou-se pouco usual trabalhar com a narrativa; muitas vezes, esquecemos o quanto ela é enriquecedora em nossa prática do dia a dia.

Destarte, valendo-se de diálogos gravados, as percepções da vida social são registradas de maneira a se constituir em fontes ou documentos que, contudo, devem ser considerados desde a sua origem. Aqui, o protagonista é o depoente, e lhe damos essa importância porque o narrador é a nossa fonte oral. Dito isso, segundo Meihy e Holanda (2014, p. 13):

Fonte oral é mais que história oral. Fonte oral é o registro de qualquer recurso que guarde vestígios de manifestações da oralidade humana. Entrevistas esporádicas feitas sem propósito explícito, gravações de músicas, absolutamente tudo que é gravado e preservado se constitui em documento oral. Entrevista, porém, é história oral em sentido estrito.

Sendo assim, compartilhamos com vocês, leitores, que o ponto de partida das entrevistas em história oral implica aceitar que os procedimentos são feitos no presente, com gravações, e envolvem expressões orais emitidas com intenção de articular ideias orientadas a registrar ou explicar aspectos de interesses planejados em projetos.

Conforme afirma Meihy e Holanda (2014, p. 14), entrevista em história oral “é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim”. Em outras palavras, a documentação oral quando apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro, torna-se fonte oral.

Portanto, de acordo com Delgado (2010, p. 18)

a história oral é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva. Objetiva a construção de fontes ou documentos que subsidiam pesquisas e/ou formam acervos de centros de documentação e de pesquisa. Não é a História em si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória.

De fato, os depoimentos recolhidos através do procedimento de constituição de fontes orais traduzem visões particulares de processos coletivos. Para Thompson (1992), a singularidade é uma profunda lição da história oral e de cada história de vida. Em conformidade, Delgado (2010) também considera que a história oral, ao dedicar-se a recolher depoimentos pessoais, que se referem a processos históricos e sociais, apresenta inúmeras potencialidades metodológicas e cognitivas.

De acordo com a nossa experiência, compartilhamos em tópicos alguns pontos importantes que nos serviram como subsídios para fortalecer o aporte teórico da importância da história oral:

- revelar novos campos e temas para pesquisa;
- recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, de minorias, entre outras, sob óticas e versões diferentes;
- recuperar informações sobre acontecimentos e processos que não se encontram registrados em outros tipos de documentos, ou mesmo que, estando registrados, não estão disponíveis para a comunidade de pesquisadores por diferentes razões;
- contemplar o registro de visões de personagens ou testemunhas da história, nem sempre considerados pela denominada história oficial;
- possibilitar o registro de versões alternativas às da história predominante;
- apresentar-se como alternativa ao caráter estático do documento escrito, que permanece o mesmo através do tempo (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 164).

Posto isso, dialogamos também com a obra “História Oral: como fazer, como pensar” (2014), de autoria de José Carlos Sebe Meihy e Fabíola Holanda, que nos serviu como principal embasamento teórico e, diante da análise do livro, descrevemos reflexões e métodos para ajudar os leitores dentro do campo da história oral.

Dito isso, usando como base a obra citada, entendemos que as gravações devem ser planejadas e os papéis – quem entrevista e quem é entrevistado – devem ser acertados previamente, de maneira a evitar surpresas. A explicação do projeto, do porquê a pessoa é

convidada para compor o conjunto de pessoas entrevistadas, bem como os destinos das gravações precisam ser apresentados antes do começo da operação.

Ademais, atente-se quanto ao local de realização da entrevista, pois deve ser acertado antes, mas a preferência da escolha é sempre prerrogativa do entrevistado. Há projetos em que espaços definidos são indicados e, nessas situações, os acordos mútuos devem ser resolvidos com antecedência.

Outro fator muito importante é sempre prever o tempo de gravação a ser dedicado aos encontros. Todo projeto deve propor um tempo de duração comum a todos os segmentos entrevistados, ainda que dificilmente isso seja obedecido. A precisão do tempo da entrevista visa tanto à disponibilidade do entrevistado como do entrevistador. Preferencialmente, os entrevistadores devem permitir privacidade e boas soluções de gravação.

Entrevistas e gravações realizadas, o processo de passagem do oral para o escrito é bastante complexo e demanda tempo. É necessário esclarecer que resultado demorará e que há etapas até chegar a uma solução final.

Frisamos que os cuidados éticos são fundamentais em história oral. Como garantia, é prudente deixar claro que nada será divulgado sem a prévia autorização do entrevistado. Por isso, que todo texto, para ser autorizado, deve ser acompanhado de uma carta de cessão com especificações sobre o uso pleno ou relativo. Assim, é bom esclarecer aos entrevistados que as gravações deverão compor um determinado acervo e que seu uso não se esgota no aproveitamento de um projeto.

Como o nosso campo de pesquisa foi uma comunidade quilombola, cabe a nós, pesquisadores, sempre que possível, publicar os resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. O compromisso com a “devolução” dos resultados do projeto é condição básica para se justificar um projeto de história oral.

De acordo com Meihy e Holanda (2014), há condição “para quem” deve ficar explicada, pois os projetos que se valem de entrevistas cumprem sempre um papel social. Seja para instruir teses, dissertações, compor acervos ou funcionar como alerta temático, os textos estabelecidos, em primeiro lugar, devem ser devolvidos aos protagonistas geradores e, conforme o caso, à comunidade que os provocou.

Vale ressaltar que a realização de entrevistas de história oral pressupõe algumas qualidades que todo o profissional, que se propõe a trabalhar com a metodologia, deve cultivar.

Conforme Delgado (2010), o bom entrevistador deve ser hábil tanto no primeiro momento de contato com seus entrevistados como no decorrer das entrevistas e depoimentos, buscando respeitar ao máximo as idiossincrasias e características da personalidade de cada depoente, além de considerar suas limitações estruturais, por exemplo: dificuldades em abordar determinados temas, idade, origem social.

A pesquisadora ainda alerta que, além do que foi exposto, deve-se respeitar também limitações conjunturais, como enfermidades, indisposições, dificuldades de mobilidade, compromissos profissionais, entre outras. Conforme aponta Alberti (2004), no decorrer da entrevista, deve o entrevistador manter-se neutro, evitando demonstrar espanto, discordâncias, concordâncias. Acoplada à naturalidade, é preciso também cultivar a flexibilidade, procurando manter-se disponível para rever roteiros, acrescentar questões e evitar assuntos, quando a dinâmica das entrevistas assim o indicar.

Ao se materializar em documento escrito, porém, a história oral ganha objetividade de qualquer outro documento grafado ou de análise historiográfica, e deve ser interpretada sob o crivo da subjetividade que a produziu. Nesse sentido, a história oral é sempre social. Social, sobretudo “porque o indivíduo só se explica na vida comunitária. Daí a necessidade de definição dos ajustes identitários culturais” (MEIHY; HOLANDA, 2014, p. 28).

Nesse sentido e em conformidade com Delgado (2010), a história oral e a pesquisa documental, muitas vezes, caminham juntas e se auxiliam de forma mútua. É comum, por exemplo, selecionar-se um possível depoente através de informações consideradas relevantes, que foram obtidas no decorrer da pesquisa documental. Assim,

é também usual que depoentes sugiram e indiquem aos pesquisadores possíveis fontes documentais a ser pesquisadas, bem como outras pessoas que possam ser entrevistadas. Por sua vez, os entrevistados também podem buscar em seus guardados documentos de grande utilidade para a pesquisa, como fotografia, livros antigos, recortes de jornais, poemas, fragmentos de discursos (DELGADO, 2010, p. 25).

De acordo com as orientações do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil (CPDOC), uma pesquisa em história oral sobre determinado tema deverá conter “roteiro geral, uma quantidade de roteiros individuais correspondente ao número de entrevistados, e uma quantidade de roteiros parciais correspondente ao número de sessões com todos os entrevistados” (ALBERTI, 1990, p. 60).

Aqui, gostaríamos de compartilhar com vocês alguns apontamentos que foram exitosos em nossas andanças por comunidades quilombolas. Assim, os roteiros, por sua vez, devem: ser preparados somente após o aceite do entrevistado; flexíveis e adequados à linguagem e ao vocabulário do entrevistado; considerar dados biográficos em maior grau para as histórias e trajetórias de vida (individual) e em menor para as entrevistas temáticas (coletiva/grupal); cruzar informações do roteiro individual, referentes à biografia do entrevistado, com as do roteiro geral, e à história da comunidade; e, por fim, constituir-se como um mapa da memória, e não como uma “camisa de força” que possa impedir maior flexibilidade na condução das entrevistas e na construção da narrativa.

Não é regra, tampouco é a nossa intenção de regulamentar algo no corpo desse texto, mas recomendamos de acordo com a nossa experiência que, dentro das possibilidades, as entrevistas sejam realizadas por dois pesquisadores, especialmente, quando da ausência de um técnico de gravação. Assim, o primeiro (principal) conduzirá o depoimento, formulando questões, e o segundo ficará responsável pelas atividades de apoio.

Portanto, considere que o ato de entrevistar é constituído por uma relação humana que pressupõe alteridade e respeito (DELGADO, 2010); busque um diálogo sincero e consistente com o entrevistado, deixe fluir a entrevista, evitando questões rígidas que possam interromper a narrativa (ALBERTI, 2004); respeite os momentos de silêncio e esquecimento, pois são tão significativos quanto a narrativa que flui sem interrupções, evite perguntas diretas longas e indiretas, e também evite perguntas nas quais o entrevistador manifeste antecipadamente sua opinião sobre o assunto em pauta, pois esse cuidado é fundamental como contribuição para a espontaneidade e melhor fidedignidade do depoimento (MEIHY; HOLANDA, 2014).

Ademais, como sugestão, formule perguntas que provoquem respostas; considere que as lembranças são construções do presente sobre o passado, logo, em função dessa correlação de temporalidades, evite perguntas presas a detalhes, como datas muito bem definidas. É preferível, quando necessário, referir-se a anos ou meses. Sendo assim, a melhor forma de contribuição para se evocar à memória do depoente é a utilização de recursos, tais como: correlações, apresentação de documento, fotos, entre outros.

Utilizando as contribuições de Thompson (1992), traçamos sugestões para os que querem e se interessam no campo da história oral. Assim, evite a presença de terceiros durante o depoimento, já que isso pode acabar interferindo na dinâmica da entrevista, seja inibindo o

entrevistado, seja influenciando no conteúdo de sua narrativa e opiniões. Por isso, como já dissemos, realize a entrevista em local no qual o entrevistado se sinta mais à vontade e confiante, buscando evitar, contudo, espaços de muita circulação de pessoas, ou pouco silenciosos.

Por conseguinte, trate o entrevistado com respeito e cuidado absoluto, pois para muitas pessoas recordar alguns episódios de seu passado ou mesmo lembrar a trajetória de sua vida pode ser uma experiência dolorosa ou fortemente emotiva. Dito isso, nunca pressione o informante, procure sempre manter um clima de relaxamento e de estímulo sutil ao ato de lembrar.

À vista disso, deve-se, portanto, buscar criar uma relação de confiança, que possa contribuir para o sucesso da entrevista. É preciso saber silenciar, ouvir, estimular lembranças, repetir em voz alta perguntas que não foram entendidas, não falar ao mesmo tempo que o depoente e repetir perguntas delicadas e importantes de diferentes maneiras.

Vale ressaltar que o processamento e análise das entrevistas, usualmente envolvem três etapas: transcrição das entrevistas, conferência de fidelidade e análise das entrevistas. Sobre a transcrição das entrevistas, será a primeira versão dos depoimentos, buscando reproduzir com fidelidade, tudo o que foi dito, sem cortes nem acréscimos.

Já na etapa da conferência de fidelidade, aponta Delgado (2010, p. 29), “deve ser realizada simultaneamente à leitura da transcrição para corrigir erros, conferir a pontuação, verificar a existência de omissões ou acréscimos indevidos”, por isso, verifique as falhas importantes que prejudiquem o conteúdo da narrativa, conferir nomes e outras informações relevantes para o depoimento colhido.

Por último, que é a análise das entrevistas, lembre-se que estas são integrantes de uma pesquisa individual ou coletiva, com objetivos, problemas, ou hipóteses previamente estabelecidas, logo “sua análise deve estar vinculada às questões propostas pelo projeto que as motivou e orientou” (DELGADO, 2010, p. 29).

Para Meihy e Holanda (2014), o maior desafio da análise das entrevistas consiste no fato de, valendo-se de depoimentos individuais e, por decorrência, singulares, construir evidências e estabelecer correlações e análises comparativas que possam contribuir para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados da melhor forma possível.

São inúmeros e de diferentes naturezas os desafios que envolvem a utilização da metodologia da história oral. Na produção de documentos orais, a presença do pesquisador é

indispensável. Para Janotti e Rosa (1993), é o historiador que comanda o processo de conhecimento, ao selecionar depoentes, recortar temas, reescrever falas e construir interpretações.

Ademais, de acordo com Montenegro e Fernandes (2001), muitos depoimentos são extremamente fascinantes e instigantes, pelo que revelam de inusitado e muitas vezes de inexplicável. Todavia, para o pesquisador, o depoimento que inúmeras vezes pode falar por si mesmo deve ser objeto de análise e interpretação. Somente dessa forma o conhecimento crítico será produzido.

Lembramos que, ao término de um depoimento de história de vida, de entrevistas de trajetória de vida, ou de entrevistas temáticas, é necessário apresentar ao depoente/entrevistado, para sua anuência, uma carta de cessão que deve ser clara e fazer referência às diferentes possibilidades de socialização da entrevista (ou das entrevistas), destacando-se: produção de textos, para publicação, constituição de acervos, redação de dissertações ou teses, entre outras.

Compactuamos com Delgado (2010) quando a pesquisadora destaca a diversidade de formas que os relatos de história oral podem adquirir. Nesse campo, a relação memória e História marca sua presença sempre forte e avassaladora. A relação memória e História é também relação memória coletiva e memória individual, sempre entrelaçadas e quase sempre dotadas de poder: poder de esquecer, de lembrar, de omitir, de silenciar.

Em decorrência, cada depoimento é único e fascinante em sua singularidade e potencialidade de revelar emoções e identidades (NEVES, 2001). Assim, nesse sentido, o maior desafio da história oral, baseado nos estudos de Benjamin (1994), é contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas, não se transformando em exaltação ou crítica pura e simples do que passou, mas, sim, em meio de vida, em procura permanente de escombros, que possam contribuir para estimular e reativar o diálogo do presente com o passado.

Conclusões

A História, como forma de saber, que faz da memória uma de suas principais fontes de conhecimento, não tem como traço inerente a mesma liberdade criativa das obras escritas por ficcionistas e poetas. O conhecimento histórico, apesar de possibilitar aos estudiosos da área empreenderem fascinantes viagens pela temporalidade da trajetória da humanidade e por

espaços muitas vezes desconhecidos, é uma produção intelectual do saber, orientada por metodologias precisas e consistentes.

Dessa forma, o historiador oral procura ouvir os seus depoentes, seus pontos de vistas e outras versões, pois afinal os diálogos capturados através das entrevistas, são sempre versões, mas procura construir evidências e apresentar análises e interpretações sobre o que passou. Assim, a História é uma categoria do real, sujeita a uma *práxis* interpretativa e à verificabilidade, mediante minuciosa pesquisa documental.

Portanto, a metodologia da história oral, que tem na memória e nos relatos de depoentes sua principal fonte de informação, deve cercar-se de cuidados especiais. Dialogar com outras ciências, como, por exemplo, a Antropologia e Sociologia, para tornar mais consistente a produção do documento oral.

Ademais, a questão do compromisso é fundamental na teia de relacionamento da história oral. É relevante lembrar que compromisso não quer dizer cumplicidade ou afinidade absoluta. É importante ter em mente que muitos projetos, para serem mais completos, exigem que sejam integrados no conjunto das entrevistas pessoas que se colocam em linhas ideológicas, pessoais, posições diferentes dos diretores dos entrevistadores.

Isso, em vez de significar motivo de contraste, deve ser visto como fator de enriquecimento do projeto, por ser uma forma de completar visões de fenômenos, como por exemplo, a história regional de comunidades quilombolas, posto ser uma forma de completar visões de enriquecimento que ficariam comprometidos sem o “outro lado”. Dizemos isso porque tem sido comum se fazer história oral com setores com os quais os pesquisadores se comprazem ou afinam, mas é importante lembrar da necessidade de também se ouvir outras partes e integrá-las no projeto.

Portanto, nosso objetivo foi expor de forma clara e objetiva, a importância da História Oral. O que pretendemos, também, é dialogar com vocês, leitores, de forma didática e simples os passos e trilhas metodológicas para se construir um trabalho baseado em entrevistas e oralidades, mantendo sempre a ética da ciência. Indivíduos, grupos marginalizados, comunidades, entre outros, tem sua contribuição na história, pois são agentes históricos que precisam ser ouvidos e incluídos na História dita “tradicional”.

Por fim, a História Oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos, digitais e analógicos, e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato. Em outras

palavras, é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformada em textos escritos.

Referências

- ALBERTI, V. **História Oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- ALBERTI, V. **Ouvir contar textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas – Magia e técnica. Arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BURKE, P. **O que é história cultura?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- DELGADO, L. de A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- GARRIDO, J. del A. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set./ago., 1992. Disponível em: https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=17. Acesso em: 14 fev. 2023.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 2004.
- JANOTTI, M. de L.; ROSA, Zita de Paula. História oral: uma utopia? **Revista Brasileira de História**. (25-26). São Paulo: ANPUH, 1993. Disponível em: https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=51917. Acesso em: 14 fev. 2023.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- LOWENTHAL, D. **Como conhecemos o passado**. São Paulo: EDUC, 1998.
- MONTENEGRO, A.; FERNANDES, Tânia (Org.). **História Oral, um espaço plural**. Recife: Universitária/UFPE, 2001.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2014.
- NEVES, L. de A. Memória e História: substratos da identidade. **História Oral**, (4). São Paulo: ABHO, 2001. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/25>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- OLIVEIRA, R. S.; ALMEIDA, V. L. de; FONSECA, V. A. **História**. São Paulo: Blucher, 2012.
- PINTO, P. J. **Uma memória do mundo**: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- SCHIMDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

THOMPSON, P. **A voz do passado** – História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Recebido em: 06 de março de 2023

Aceito em: 20 de julho de 2023
